XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

BULLYING E SURDEZ NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: O QUE PENSAM OS ATORES ENVOLVIDOS

Marily Oliveira Barbosa[1]

RESUMO

Atualmente, a escola vem presenciando momentos de violência, que podem se espalhar entre os seus alunos e receber o nome de bullying. Especificamente, temos observado um aumento na freqüência com que este tema é tratado pelas mídias, assim como das discussões sobre os seus efeitos para as vítimas destes atos. Desta maior divulgação surgiu a inquietação para investigar o que pensam alunos, professores de Educação Física e gestores escolares sobre este fato, principalmente aqueles alunos que possuem alguma deficiência, em nosso caso com surdez. Para isto optamos em realizar um estudo de natureza qualitativa, sendo que os participantes foram dois professores de Educação Física da Educação de Jovens e Adultos, a diretora da escola e doze alunos com surdez. Os alunos com surdez entendiam que o bullying era constituído por apelidos pejorativos que os denegriam e por atos de agressão física entre colegas de sala. Tanto direção como professores possuíam conhecimento sobre o bullying e seus efeitos para a comunidade escolar. Em relação ao bullying e à Educação Física, os atores consideravam que a referida disciplina possuía características que, quando não bem administradas, podiam auxiliar no surgimento de casos de bullying.

Palavras chaves: *Bullying. Educação Física Escolar. Surdez*

ABSTRACT

Currently, the school has seen the violence spreading among students and this act is named of bullying. Specifically, we observed an increase in the frequency with which this issue is dealt by the media as well as the discussions of its effects on the victims. From the wider dissemination of this arose the interest of investigating what students, Physical Education teachers and school administrators think about this, especially those students who have a disability, in our case with deafness. For this we chose to conduct a qualitative study, and the participants were two Physical Education teachers, the school principal and twelve students with deafness. Students with deafness understand that bullying consisted of derogatory nicknames that denigrated and acts of physical aggression between classmates. Both the principal as teachers had knowledge about bullying and its effects on the school community. In relation to bullying and Physical Education, the actors felt that this subject had characteristics that, when not well managed, could assist in the emergence of cases of bullying.

Keywords*: Bullying. Physical Education. Deafness*

[1] marilyed@hotmail.com

XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

RESUMEN

En la actualidad, la escuela ha sido testigo de momentos de violencia que se puede propagar entre los estudiantes y reciben el nombre de bullying. En concreto, se observó un aumento en la frecuencia con que se aborda la cuestión por los medios de comunicación. Una difusión más amplia de lo que nos llevó a investigar qué piensan los estudiantes, profesores de Educación Física y los administradores de la escuela sobre esto, sobre todo aquellos estudiantes que tienen una discapacidad, en nuestro caso con la sordera. Para ello hemos elegido para llevar a cabo un estudio cualitativo, y los participantes fueron dos profesores de Educación Física de Jóvenes y Adultos, el director de la escuela y doce estudiantes con sordera. Los estudiantes con pérdida auditiva entender que la intimidación consiste en apodos despectivos que denigra y los actos de agresión física entre compañeros de clase. Tanto la dirección como los profesores tenían conocimiento acerca de la intimidación y sus efectos en la comunidad escolar. En relación a la intimidación y la Educación Física, los actores consideraron que esta disciplina tiene características que, cuando no se gestiona bien, podría ayudar a la aparición de casos de acoso escolar.

Palabras clave: *Intimidación. La Educación Física. Sordera*

INTRODUÇÃO

Atualmente, a escola vem presenciando momentos de violência, quer seja através dos atos de violência que acontece no seu entorno ou gerada no seu interior, como aquela que ocorre entre seus próprios alunos. Quando acontece entre os estudantes, passa a receber o nome de *bullying*.

A palavra *bullying* vem do inglês e não foi traduzido para o português por não haver nenhuma outra palavra que a substituísse e que tivesse um sentido tão amplo. Rolim (2008, p. 8) cita que o *bullying* "possui um sentido específico e rico em determinações que desaconselha sua tradução em qualquer outra língua. As tentativas já realizadas de tradução para o português produziram sempre reduções semânticas que descaracterizam o fenômeno".

Segundo Silva (2010), este termo vem do adjetivo em inglês "*bully*" que significa tirano, valentão, demonstrando a situação do aluno que se utiliza do poder para impor autoridade e manter suas vítimas sob total domínio. O *bullying* refere-se a todo e qualquer tipo de comportamento agressivo, cruel, proposital e sistemático inerente às relações interpessoais, principalmente através de escolares.

De acordo com Rolim (2008), o *bullying* diferencia-se das brincadeiras nas quais todos os participantes se divertem e interagem juntos sem nenhum tipo de agressão por haver apenas alguns que se divertem às custas de outros que sofrem. Assim, a "brincadeira" ganha outra conotação, bem diferente de um simples divertimento. Cabe dizer que o *bullying* também se manifesta através de insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações, acusações injustas, tomada pertences, meter medo, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos, levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais.

Estes atos podem ser realizados pessoalmente, como também através dos meios virtuais. Quando acontece neste último contexto, recebe a nomenclatura de *cyberbullying*. Santos (2009) menciona que o *bullying* virtual ocorre quando os agressores utilizam os meios tecnológicos, tais como internet e telefone celular (e as diferentes redes sociais) para disseminar calúnias, imagens e comentários depreciativos, com a

XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

intenção de humilhar a vítima publicamente.

Segundo Pereira (2009), o *bullying* é um problema que existe em todas as escolas, contudo, poucas tem o real conhecimento de sua existência ou mesmo das graves conseqüências advindas desses atos cruéis e intimidadores. Em muitos casos, ele é confundido com indisciplina ou mesmo brincadeiras impróprias para idade ou, ainda, com agressões corriqueiras, casuais.

Os grupos que hostilizam determinados alunos os escolhem como alvo, às vezes, por questões que os diferenciam dos demais, quer sejam estatura, biótipo ou por este possuírem alguma deficiência, quer sejam esta motora ou sensitiva. Ainda sobre isso, Lopes Neto (2005) refere que a rejeição às diferenças é um fato descrito como de grande importância na ocorrência de *bullying*. Sendo provável que os autores do *bullying* escolham e utilizem possíveis diferenças como motivação para as agressões, sem que elas sejam, efetivamente, as causas desta prática.

Chalita (2008) classifica os personagens ligados ao *bullying* como: agressores, vítimas, espectadores e as vitímas-agressores. Os agressores normalmente são alunos populares, reconhecidos como valentões que oprimem e ameaçam suas vítimas para impor autoridade. Segundo Lopes Neto (2005, p. 167):

> O autor de *bullying* tende a envolver-se em uma variedade de comportamentos antisociais; pode mostrar-se agressivo inclusive com os adultos; é impulsivo; vê sua agressividade como qualidade; tem opiniões positivas sobre si mesmo; é geralmente mais forte que seu alvo; sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outros. Além disso, pode existir um componente benefício em sua conduta, como ganhos sociais e materiais.

As vítimas, alvos do *bullying*, são escolhidas sem motivo evidente, apresentam comportamentos e hábitos diferentes dos demais, quer seja pela sua maneira de se vestir, aparência física fora do padrão de beleza, falta de habilidade em algum esporte, gagueira ou deficiência física. Geralmente, elas são inseguras, retraídas e possuem baixa auto-estima (CHALITA, 2008).

Silva (2010) afirma que os espectadores, também conhecidos como testemunhas, é a grande maioria dos estudantes que assiste ao *bullying* e aprende a conviver com ele ou simplesmente a escapar dele. Acabam por não interferir quer seja para defender ou ameaçar. São omissos a dor do outro e acabam por entender o *bullying* como "normal" acreditando que alunos diferentes mereçam ser ridicularizados por outros. Alguns destes não reagem por medo de represália ou para não serem atingidos.

O último personagem que surge são as vítimas-agressoras que ao mesmo tempo que sofrem cometem atos violentos contra outros.

Tendo em conta os nefastos efeitos que a violência traz para todos os implicados e considerando os reduzidos estudos envolvendo a temática *bullying* e pessoas com deficiência, surgiu a seguinte inquietação: o que pensam alunos, professores de Educação Física e gestores escolares sobre este fato, principalmente aqueles alunos que possuem alguma deficiência, em nosso caso com surdez?

A opção em realizar um estudo com pessoas surdas considerou o fato de que estas possuem algumas necessidades específicas que, por vezes, torna-as diferentes das demais, quer seja por não escutar ou pelo uso das Libras (Língua Brasileira de Sinais) (VIEIRA; MARTINS, 2009). Como citado anteriormente, alguns agressores buscam nas vítimas algo que os diferencie dos demais. Chalita (2008, p. 130) refere que:

> Ser diferente não é um motivo, mas um pretexto para que o autor de *bullying* satisfaça a sua necessidade de agredir, de humilhar, de marginalizar. Os agressores buscam, em suas vítimas, algumas diferenças em relação ao grupo no qual estão inseridos. No entanto, ninguém pode ser culpado ou castigado por ser diferente, por estar fora dos padrões considerados normais aos olhos de quem busca a diferença e

XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

dissemina a indiferença.

Ainda sobre isso, Fante (apud SANTOS, 2009, p.32) relata que "os portadores de deficiência física e de necessidades educacionais especiais correm maiores riscos de se tornarem vítimas de *bullying*". Tal ocorrência pode estar relacionada com a sua menor presença numérica nas escolas regulares brasileiras, devido a recenticidade da inclusão escolar, como também por todos os estigmas que estão associados às pessoas com deficiência e por poderem ser pessoas que se diferenciam das demais.

Particularmente, no que diz respeito ao *bullying* nas aulas de Educação Física, de uma forma geral, Botelho e Souza (2007) indicam que são poucos os estudos que envolvem esta temática e consequentemente não há quase nada publicado a esse respeito[2]. Quando relacionamos *bullying*, Educação Física Escolar e Pessoas com deficiência ou Deficiência, estas produções são ainda escassas.

Segundo Oliveira e Votre (2006), o *bullying*, por diversas vezes, acontece nas aulas de Educação Física, principalmente pelas características próprias da disciplina, que em diversos momentos interage com as habilidades dos sujeitos envolvidos e com o exercício do ganhar e perder, ocasionando, por vezes, discriminação com alunos vistos como diferentes.

Por tais fatos, evidenciamos a relevância acerca deste estudo. Sendo assim os objetivos desta investigação foram: analisar as concepções dos alunos surdos sobre o *bullying* nas aulas de Educação Física na Educação de Jovens e Adultos; analisar se as aulas de Educação Física são facilitadoras de ações de *bullying* e examinar o ponto de vista da diretora, dos professores de Educação Física e dos alunos surdos acerca do *bullying*.

METODOLOGIA

Este estudo é de natureza qualitativa. Segundo Costa (2001), este tipo de estudo se preocupa com uma realidade que não pode ser quantificada, trabalhando com a subjetividade dos participantes, em particular com as suas atitudes, valores, crenças, e buscando compreender suas respostas de forma a tornar o problema mais explícito.

Flick (2004) menciona que os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador com o campo e seus membros como parte explícita da produção do conhecimento. Sob esse viés, Günther (2006) exemplifica que a pesquisa qualitativa se caracteriza pela interação direta entre o pesquisador e o objeto de estudo, havendo assim uma aceitação explícita sobre a teoria, escolha de tópicos da pesquisa, método e sobre a interpretação dos resultados.

Os atores que fizeram parte desta pesquisa foram dois professores de Educação Física da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a gestora escolar e doze alunos com surdez de uma escola pública da rede estadual de ensino de Maceió/Alagoas. A instituição foi escolhida intencionalmente por tratar-se de uma escola-pólo na educação da pessoa surda já havia muito tempo e possuir um elevado número de alunos com tais características em suas turmas. No que diz respeito aos alunos surdos, estes foram escolhidos de forma não-aleatória, ainda que tenha se buscado garantir que a participação de alunos de todos os segmentos da EJA. Todos os professores de Educação Física da EJA foram envolvidos.

Também foi intencional a modalidade EJA pelo fato de se considerar que os jovens e adultos surdos já teriam maior domínio da Libras e sendo assim conseguiriam expor melhor seus pontos de vista sobre a temática

[2] Buscamos nas diversas bases de dados, tais como: Scielo, Google Acadêmico, Anais de eventos (CBEE, ENDIPE) e banco de teses da CAPES.

XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

estudada.

Para esta pesquisa, o instrumento escolhido foi a entrevista semi-estruturada. Segundo Boni e Quaresma (2005), o pesquisador segue uma gama de perguntas previamente determinadas e o faz em um contexto similar ao de um diálogo informal, podendo atuar no decorrer da entrevista, com questionamentos adicionais, tentando obter as respostas ao questionamento proposto.

A entrevista foi realizada individualmente e, em relação aos alunos com surdez, elas foram feitas com a colaboração de intérpretes[3] da turma na qual o aluno estava inserido. É importante ressaltar que as intérpretes realizaram a entrevista mesmo não sendo um ato obrigatório por parte da direção da escola. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na sua íntegra. Após as transcrições, o material foi devolvido aos entrevistados para conferência e se necessário fizessem as modificações que desejassem.

Todos os procedimentos para a coleta de dados seguiram estritamente os princípios éticos e todos os participantes tiveram que assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) após terem conhecimento dos objetivos da pesquisa e da forma da sua participação. Foi esclarecido também quanto ao sigilo dos dados coletados e garantido o anonimato. Por conta disto, todos os nomes que aparecem na pesquisa são fictícios. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética na Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas.

Posteriormente, foi realizada a leitura das transcrições das entrevistas juntamente com uma análise minuciosa e exaustiva de todos os dados e a partir destes foram criadas categorias. Para isto, foi utilizada a análise de conteúdo. Esteves (2006, p. 107) explica que esta é formada por "um conjunto de técnicas possíveis para tratamento de informação previamente recolhida", quer sejam por meios de dados de observação, entrevistas, entre outros. Tal análise é descrita por Bardin (1979, p. 42), como:

> Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores [...] que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção da mensagem.

A partir dos dados coletados na pesquisa, procuramos extrair a matéria-prima dessas informações, relacionando a teoria encontrada na literatura com as percepções dos sujeitos em seu cotidiano.

Para Minayo (2004, p. 209), a análise temática "consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado". Ainda segundo a mesma autora, a análise desdobra-se em três etapas: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Deste processo resultaram as seguintes categorias: a concepção do grupo estudado sobre o *bullying* e o *bullying* nas aulas de Educação Física na EJA.

RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Começamos a apresentação dos resultados com a descrição de algumas características dos participantes da pesquisa, que pode ser vista no quadro 1.

Aluno	Nível de Escolaridade[4]	Idade	Tipo de surdez
Marcia	Ensino médio	27	Total

[3] Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Capítulo IV. Do uso e da difusão da Libras e da língua portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação em seu Art. 14. Parágrafo III - prover as escolas com tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa;
[4] A EJA por ensino fundamental (etapas) e médio (segmentos).

XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

Jane	Ensino fundamental	53	Parcial
Jesivam	Ensino fundamental	27	Total
Altamir	Ensino fundamental	24	Total
Jose	Ensino médio	36	Parcial e oralizado
Glauco	Ensino fundamental	24	Total
Marlene	Ensino médio	22	Total e oralizado
André	Ensino fundamental	19	Total
Jailton	Ensino fundamental	24	Total
Flávia	Ensino fundamental	21	Parcial
Nadia	Ensino médio	24	Parcial
Ana	Ensino médio	23	Parcial

Quadro 1 - Caracterização dos alunos com surdez participantes da pesquisa

Os alunos possuíam idades entre 19 e 53 anos de idade, com média etária de 27 anos, todos eles integrantes do Ensino de Jovens e Adultos (EJA). A maior parte dos entrevistados cursava o ensino fundamental. Todos os alunos comunicavam-se através da Libras, a maioria não possuía resquícios auditivos e apenas dois deles eram oralizados.

Outra parte dos sujeitos entrevistados referia-se aos professores de Educação Física que atuavam no EJA e a diretora da escola, formada em Pedagogia e que durante muito tempo atuou como intérprete. Todos possuíam formação em nível superior, bem como especialização em sua área específica. A experiência profissional variava entre 8 e 23 anos, conforme pode ser visto no quadro 2.

Nome	Atuação profissional	Nível de formação	Tempo de experiência
Carlos	Professor de Educação Física	Especialista	8 anos
Nara	Professor de Educação Física	Especialista	23 anos
Tais	Diretora da escola- Pedagoga	Especialista	11 anos

Quadro 2 – Características profissionais dos professores e diretora

Vejamos mais detalhadamente como os pesquisados, alunos, professores e diretora, percebiam este processo.

A concepção do grupo estudado sobre o *bullying*

Ao perguntar aos alunos surdos acerca da palavra *bullying*, estes mencionaram não conhecê-la. Nem os alunos surdos e nem as intérpretes possuíam conhecimento do sinal equivalente a esta palavra. Segundo Silva (2010), a palavra ainda é desconhecida pelo grande público, apenas uma parcela da comunidade tem conhecimento acerca deste assunto. Vale salientar que as informações para os surdos são mais visuais dificultando ainda assim o conhecimento sobre determinados assuntos. Este desconhecimento pode ser observado na fala da entrevistada Marlene:

> Não conheço essa palavra. Tem sinal? [a intérprete responde que não sabe] é estranha. É inglesa essa palavra, né? Eu não sei assim nunca vi. É a primeira que estou vendo. Parece assim um nível superior a mim (Aluna Marlene).

Respostas como estas foram manifestas pela quase totalidade dos alunos surdos. Apenas uma das

XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

alunas mostrou incerta em relação à palavra, ainda que tenha esboçado vagamente uma idéia. Vejamos o que ela disse:

> Não, sei não, conheço não essa palavra. Acho que já vi, mas sei não. Na sala, nas séries, problemas, coisas ruins (Aluna Flávia).

Os estudos sobre este assunto ainda aparecem timidamente em nossa sociedade. Rolim (2008, p. 10) relatou que "parece evidente que o fenômeno tem sido normalmente desconsiderado no Brasil. Estudos específicos e pesquisas de campo sobre a natureza [...] desta forma de violência em nossos estabelecimentos de ensino são ainda rarefeitos". A palavra *bullying* pode até ser desconhecida, mas o fenômeno da violência nas escolas, entre os alunos, não passa por despercebido.

Todavia, ao perguntarmos a esses mesmos alunos sobre a violência na escola, entre colegas de sala, eles relataram diversas situações e até mesmo atos em que estiveram presentes ou que assistiram tal ação. A seguir trazemos alguns destes relatos:

> Oh, eu não gosto de confusão. As pessoas ficam xingando uns aos outros. Eu já vi aqui na escola. É horrível. Aí fica com papinho, com confusão. Coisas desse tipo. Eu não gosto não. Ficam atiçando as pessoas. Eu mesmo eu não gosto, eu respeito às pessoas (Aluna Ana).

> As pessoas ficam atiçando as outras. Não respeitam e terminam também não sendo respeitadas. Aí começa uma confusão e termina exagerando com palavras, porque muitas vezes as pessoas tem preconceito contra surdo, achando que ele é coitadinho (Aluno Jailton).

> São pessoas que não tem consciência, que não tem educação, que não estudam e que ficam nessas provocações, nessa violência. Falta consciência, não aceita conselho, nem nada e começa um processo de violência. As pessoas da escola, eu vejo, mas fico a parte (Aluno José).

A partir da concepção dos alunos surdos, o *bullying* está intimamente ligado aos atos de preconceito, aos atos de xingamento, principalmente quanto ao "atiçar o colega", fazer provocações. Segundo Santos (2009), diferentemente da fase infantil, na adolescência e na vida adulta as vítimas são escolhidas por seus agressores e estes procuram algo de seu interesse e que, muitas vezes, não os agrada, como ser gordo demais, usar óculos, possuir alguma deficiência, quer seja aparente ou não, ser de etnia diferente ou possuir fatores culturais diferenciados dos demais, tais como: tradição, língua, identidade, origem socioeconômica ou orientação sexual, entre outras. Sendo assim, diversos alunos relataram vivenciar diversas ações relacionadas a este fenômeno, dentro do ambiente escolar e que tais ações implicavam em sofrimento, como veremos mais a seguir.

O que ficou ressaltado nas entrevistas foi a forma como o *bullying* se manifestava para os alunos com surdez, pois determinados alunos o associava aos atos de agressão, mas principalmente às expressões que os denegria.

Em relação a isso, Rolim (2008) descreve o *bullying* direto como aquele em que os agressores agridem de forma direta as suas vítimas, quer seja por ação ou por palavras. Particularmente, na escola estudada, os alunos relataram situações em que os agressores manifestavam atitudes preconceituosas, estigmatizando os alunos que possuíam a surdez, além de se referir pejorativamente a eles, como o exemplo chamá-los de "burro" e isso é percebido através dos fragmentos a seguir:

> É feio, aí eu me senti com muita raiva. Fiquei um pouquinho triste, mas deixei pra lá. Tem uns ouvintes que ficam brigando comigo, mangando de mim ficam me chamando de burro, aí eu me senti triste,

> pensativo, mas tenho que estudar para aprender mais (Aluno André).
>
> Já senti preconceito e muito. Tem pessoas que ficam me chamando de mudo, de mudinho e associa isso a ser burro e eu não gosto. Aí eu explico que sou surdo e que é diferente de ser mudo (Aluno José).
>
> Eu estou andando aí o povo fica falando de mim. Eu não gosto de briga, confusão. Eu, eu sinto, eu fico triste. As pessoas ficam xingando, falando coisas contra surdo ou contra mim, rindo, chamando de burro, mas aí é a consciência deles, eu por mim não ligo. Jesus sabe de tudo isso (Aluna Ana).

O ato de associar determinados alunos à palavras que os deficientizam é uma das ações utilizadas pelos agressores. Antunes e Zuin (2008) relatam que o *bullying* se aproxima do preconceito, principalmente quando reflete sobre os fatores sociais que determinam os grupos-alvo das ações. O *bullying* se inicia quando o agressor apelida a vítima a partir de um traço físico ou característica que os diferencia dos demais com o intuito de salientar alguma deficiência, atingindo diretamente a vítima e ridicularizando–a no sentido de torná-la objeto de riso (OLIVEIRA; VOTRE, 2006).

Quando perguntamos aos professores de Educação Física e a diretora sobre a sua percepção sobre o *bullying*, todos compreendiam tal fenômeno como os autores Chalita (2008), Rodrigues (2010), Silva (2010) definem esta atitude de violência. Tal fato fica evidenciado na fala da diretora:

> É toda manifestação de agressão para com o individuo. Quando a gente fala *bullying* aí a gente pensa na agressão, na agressividade e na agressividade a violência, mas o *bullying* ele também é por palavras, por atitude então é toda essa manifestação de agressão ao próximo, independente de que seja, verbal, oral ou física. E tem de ser repetidas vezes (Diretora Taís).

Tal fala assemelha-se ao conceito de Lopes Neto (2005, p. 165) que relata que o "*bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder". O autor diferencia o *bullying* em dois tipos, sendo estes o direto e o indireto. O indireto diz respeito às ações que levam ao isolamento social da vítima. As estratégias mais usadas são: as fofocas, boatos cruéis, intrigas e difamações e se utilizam de meios para obterem seus objetivos, principalmente por meio de pichações. O *bullying* direto geralmente se utiliza de atitudes mais violentas, como agressões físicas, xingamentos, empurrões, murros, chutes e apelidos ofensivos repetitivos.

O *bullying* nas aulas de Educação Física na EJA

O *bullying* nas aulas de Educação Física também foi um dos focos de nossa atenção e para isto perguntamos aos alunos surdos, a diretora da escola e aos professores de Educação Física que atuavam no EJA como eles percebiam este fenômeno e a relação com a Educação Física e *bullying*.

Os alunos tiveram posições diversas, sendo que a grande parte relatou já ter observado agressões entre colegas nas aulas desta disciplina, como podemos observar nos enxertos a seguir:

> Já, já, vi sim, só fico olhando. É horrível porque as pessoas começam, por problemas, fofoquinhas, aí fica um atiçando o outro, fofoquinhas, mas aí começam a briga por causa de fofoca. Sempre são as mesmas pessoas, de novo, confusão. São pessoas que não tem entendimento. Eu sinto muito por isso. Eu deixo para lá. Aí ficam atiçando e machucando os outros (Aluna Ana).
>
> Já vi sim. Ficaram um xingando o outro, burro, sua puta, aí ficaram nervosos e começaram a brigar. Era

> um surdo com um ouvinte, aí começou a confusão. Ficaram com raiva e começaram o xingamento: burra não, eu não aceito. Aí começaram a brigar, falta de respeito. Pareciam crianças brigando. Aí o professor chegou: "vamos terminar com essa confusão". Com isso foi cada um para o seu canto. Falta respeito entre as pessoas. As pessoas ficam xingando o surdo, chamando eles de burro. Isso não é legal (Aluno Jailton).

A aula de Educação Física, por vezes, se torna nicho de atos de *bullying* pelo fato dela trabalhar com o corpo e de lidar com diversos tipos de jogos, inclusive com os competitivos. Oliveira e Votre (2006) relatam que casos de *bullying* são mais evidentes nesta disciplina devido aos atos de agressividade e competitividade que a disciplina possui. Por conta dos jogos e brincadeiras que geralmente acontecem coletivamente ou individual, dando evidência às habilidades motoras que o aluno possui. Sobre este fato, a professora Nara relata que:

> Eu acho que na Educação Física, você se torna exposto, você se expõe, porque a gente trabalha com o corpo, você mostra suas habilidades, nem todo mundo é dotado de todas as habilidades, então acho que a gente fica mais visível nas aulas de Educação Física. Eu acho que as atividades em si de Educação Física que facilitam [o *bullying*] porque nem todo mundo tem habilidades, normalmente eles quando vão se dividindo em grupos, geralmente só procuram os melhores, o aluno que joga melhor, aí você tem que trabalhar isso (Professora Nara).

Chaves (2006) menciona que cabe ao profissional da Educação Física saber identificar, distinguir e diagnosticar o fenômeno *bullying*, para promover as ações que beneficiem seus alunos, evitando que novos casos surjam a partir das aulas. Ainda, sobre estes fatos, podemos observar uma percepção contraditória na fala do professor Carlos que exterioriza que nem sempre o fato de existir ações de *bullying* nas aulas de Educação Física é por conta das atividades realizadas nela, mas sim em relação aos espaços que ela ocupa:

> Eu acho o seguinte: a nossa dificuldade é que a gente trabalha num espaço muito grande, ou seja, a gente está numa sala de aula e vai para um ginásio de esporte ou uma quadra e pode favorecer algo que existe dentro de uma sala de aula. Mas, a Educação Física eu não vejo como uma facilitadora não, que favorece não, eu acho que seria um agente facilitador daquele que está na sala de aula e quer agredir o cara, então pode ser (Professor Carlos).

Ainda na fala deste professor ficou evidenciado que ele acreditava que fatores, como a competição, muitas vezes, presentes em atividades desenvolvidas na disciplina não facilitava o *bullying*:

> Professor Carlos: Agora tem que ser estimulado a competição, dentro dos padrões que sejam sadios pra eles, porque estamos educando pra vida e a vida é uma competição. É competir. Olha, *bullying* eu nunca vi acontecer na minha aula não, brigas, vejo isso acontecer no corredor. Não na minha[aula], é com a minha aula, eu só posso falar com a minha aula e nela eu não vejo.
> Pesquisadora: Mas, se isso acontece no corredor, no banheiro, você não vê como *bullying*?
> Professor Carlos: Isso é um *bullying* sim, lógico que é, mas assim é algo que tem que ser trabalhado no seu espaço. Você tem que amarrar, na maioria das minhas aulas. Eu faço um circulo pra começar a aula e para terminar, se deixar algo sair dali da aula para fora, sem que você tenha fechado, de fato pode acontecer problema depois (Professor Carlos).

Todavia, Furtado e Morais (2010) salientaram que há um maior número de eventos associados ao *bullying* quando os conteúdos são focados na competição.

O professor Carlos enfatizou ainda que já observou atos de violência fora da sala de aula e que considera isso como o *bullying*. Andrade e Capellini (2008) relatam justamente isso, que a maioria dos casos acontece distante dos olhos do professor e geralmente fora da sala de aula, quer seja no pátio da escola na hora do recreio, banheiros ou lugares onde não há a supervisão de professores. Sendo assim, os atos de violência entre colegas, por

XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

repetidas vezes, sempre com os mesmos alvos é considerado também como *bullying*.

A diretora da escola relatou que os atos geralmente ocorriam em lugares escondidos e podemos ver tal fato no fragmento a seguir:

> Eles são muito arteiros, quando eles fazem isso é assim dentro do banheiro, que a gente não costuma entrar muito. É muito escondido, então a gente vem saber ou é através de outro aluno, que não concorda ou pela família. (Tais)
> Algum aluno chegou a falar com você?(pesquisadora)
> Não geralmente é a família que vem. Tem uns que vem oh! Está acontecendo alguma coisa ali, vai lá. Mas, não é direto. Eles usam esse tipo de diálogo – 'oh da uma olhadinha ali, pergunta a fulaninho', eles insinuam aí a gente corre atrás (DiretoraTaís).

As situações de *bullying* parecem acontecer longe dos olhos dos professores e da direção, geralmente se relacionavam aos apelidos pejorativos e às agressões verbais. Para visualizarmos temos o enxerto da diretora Tais:

> Há questões de *bullying* aqui dentro da escola que é necessário que a família venha a escola para avisar a direção, como, por exemplo, ano passado tivemos uma menina que não queria vir mais a escola por que as outras estavam apelidando e estavam realmente insultando a menina e ela passou muito tempo. Aí quando ligamos para a mãe e ela veio aqui, é que ela disse que era porque a menina estava sendo ameaçada (Diretora Tais).

Este caso demonstra que os professores da escola devem estar atentos aos possíveis atos de *bullying* evitando assim que novos alvos sejam estabelecidos e que situações de *bullying* aumentem de proporção. Rodrigues (2010, p. 2) afirma que:

> Alguns alunos sofrem torturas diariamente, por anos a fio, sem que os adultos percebam. Muitas vítimas da violência causada por pares, por terem sua auto-estima massacrada, acreditam que, de alguma forma, mereçam esse tipo de tratamento, que a causa dessa tortura física ou psicológica seja sua. Aqueles que superam o medo de retaliação ou piores conseqüências e procuram ajuda, muitas vezes se deparam com adultos, sejam professores ou até familiares que acreditam que toda a 'zoação', ou 'briga' seja ocorrência normal da idade, que todos precisam passar por esse tipo de situação para se desenvolver, que tudo não passa de brincadeira de criança.

Sendo assim, é necessário entendermos que brincadeiras politicamente corretas e sadias são aquelas nas quais todos os participantes se divertem.

No entanto, seja qual for o papel desempenhado pelos alunos envolvidos, se estes não tiverem um apoio adequado sofrerão conseqüências pelos seus atos ou pela omissão destes durante um bom tempo de sua vida, por isso existe a importância de que todos os envolvidos no ambiente escolar se juntem para assim evitar novas ocorrências deste fenômeno. Botelho e Souza (2007) afirmam que os alunos, o corpo docente, os funcionários da escola, os familiares e a comunidade do entorno tem papel imprescindível para a diminuição das ocorrências de *bullying*.

A partir dessa afirmação, vejamos como os alunos percebiam as ações dos professores em relação a esta problemática. Uma boa parte dos alunos era da opinião que os educadores geralmente não faziam nada ao observar um ato de *bullying* e que a única ação dos professores era retirar os alunos da sala de aula e/ou mandá-los para casa ou para a diretoria. Também foi indicado haver professores omissos, mesmo quando chamados pelos alunos. A seguir alguns relatos dos alunos sobre isto:

XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

> Os professores parecem que não estão nem aí. Não ligam, continuam copiando, copiando. Aí eu digo "professor ó, por favor" , aí o professor olha, ri e retoma o que está fazendo. Parece que o professor está dizendo deixa para lá que ela é criança. Ela não entende, aí não pede para ela parar, nem nada. É como se ele deixasse para lá, e importante é ele focar no quadro e a gente que se vire (Aluna Marlene).

> Os professores geralmente não fazem nada. Chamam outras pessoas para resolverem (Aluna Nadia).

Mediante tais falas percebemos o quanto alguns professores ainda não se envolvem com ações para cessar com os atos de *bullying*, mesmos quando estes se fazem presentes durante a ação. Furtado e Morais (2010) salientam que a grande maioria dos professores dá prioridade ao cumprimento de suas funções didáticas e ao cronograma dos assuntos pré-estabelecidos e que alguns profissionais se mostram passivos e omissos diante dos problemas relacionados aos alunos. Pingoello (2009, p. 54) afirma que:

> O pouco ou nenhum conhecimento por parte dos professores sobre a forma como o *bullying* se apresenta e se propaga pode contribuir com a omissão, não por negligência, mas por falta de conhecimento em como atuar de forma ativa na tentativa de solucionar o problema [...].

Esta falta de saber como lidar com o *bullying* faz com que aluno vítima destas ações não sinta confiança no professor e não peça ajuda quando necessita. Fatos como este foram relatados por uma das alunas surdas que disse que já pensou em falar com o professor de Educação Física sobre estar sendo constantemente importunada por uma das colegas de turma, mas relatou não ter coragem por prever que o professor não daria importância ao fato. Vejamos:

> E se eu avisar isso ao professor parece bobagem. Aí eu vou está importunando o professor, e ele não vai fazer nada. É tudo igual mesmo. Se eu falar, "professor pede para ela parar", aí eles começam a rir [os colegas de sala], pensam que é brincadeira minha. Ele [professor] pensa que eu também estou brincando com ela, mas não é (Aluna Marlene).

Diversos autores, tais como Lopes Neto (2005), Chalita (2008) e Silva (2010) relatam que o grande problema do *bullying* é que a grande parte da sociedade, inclusive a escola, ainda acredita que o *bullying* pode ser visto como brincadeira. Santos (2009, p. 93) salienta que as vítimas e espectadores de *bullying* convivem e sobrevivem com uma rotina de medo e insegurança. A autora considera que "envoltos com educadores, gestores e assistência técnica impossibilitados de agir pela falta de preparo e sutileza, pelo qual o fenômeno *bullying* se instala e se confunde com brincadeiras da idade". Ainda segundo a autora, as diferenças são tênues, no entanto a realidade do *bullying* traz conseqüências desastrosas para todos os envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos assim que os alunos com surdez entendem que o *bullying* manifesta-se pelos apelidos pejorativos que os denigrem e por atos de agressão física entre colegas de sala, independente de ser entre ouvintes e ouvintes ou ouvintes e surdos. A maioria deles percebia-se como vítimas.

Nos casos de *bullying*, os alunos surdos sofrem mais os relacionados ao *bullying* direto, pois sofrem agressões verbais, principalmente na forma de apelidos pejorativos relacionados à sua condição lingüística, como ainda em uma pequena escala sofrem com *bullying* indireto a partir das difamações. A maioria dos atos

de *bullying* estão relacionados ao preconceito que a sociedade possui sobre o diferencial destes alunos usarem outra linguagem – a Libras.

Em relação ao *bullying* e à Educação Física, os alunos com surdez, os professores da disciplina e a diretora consideravam que a referida disciplina possuía características que, quando não bem administradas, podiam auxiliar no surgimento de casos de *bullying*.

A disciplina de Educação Física tem muito a contribuir para a diminuição dos casos de *bullying*, quer seja pela característica dos alunos se sentirem mais próximos destes professores, como também pela oportunidade que os profissionais tem de envolver os alunos em atividades cooperativas se utilizando de várias estratégias para um melhor funcionamento, tanto da disciplina, como da escola, minimizando assim os atos de *bullying* não apenas para os alunos que possuem alguma deficiência, mas sim para toda a comunidade de alunos envolvidos.

Em relação ao ponto de vista sobre o *bullying*, todos estes salientaram os pontos negativos e as conseqüências que este traz para o ambiente escolar. Todos ressaltaram a necessidade de mudança por parte da escola, profissionais e alunos, as quais devem estar atreladas à união de todos os envolvidos. As ações devem ser realizadas no que diz respeito à conscientização de todos, quer seja através de conversas, palestras ou outras ações que mobilizem todos os vinculados à comunidade escolar, principalmente às ações que englobem a família dos envolvidos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. P.; CAPELLINI, V. L. M. F. Bullying: concepções dos atores envolvidos In: *Anais do III Congresso Brasileiro de Educação Especial*, Vol.3, pp 1 – 10, São Carlos, 2008.

ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. A. S. Do *bullying* ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Revista Psicologia & Sociedade*, 20, (1), pp. 33-42, 2008

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

BOTELHO, R. G.; SOUZA, J. M. C. de. Bullying e Educação Física na escola: características, casos, conseqüências e estratégias de intervenção. *Revista de Educação Física*. Rio de Janeiro, n. 139, pp. 58-70, 2007.

BONI, V; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tese*. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2, n 1 (3), pp. 68-80, 2005.

CHALITA, G. **Pedagogia da amizade.** Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo: Gente, 2008

CHAVES, W. M.. Fenômeno bullying e a educação física escolar. In: *Anais do 10º Encontro Fluminense de Educação Física Escolar*. Niterói: UFF, Departamento de Educação e Desportos, pp 149-154, 2006.

COSTA, M. A. F. da. *Metodologia da pesquisa:* conceitos e técnicas. Rio de Janeiro: Interciência, 2001.

ESTEVES, M. Análise de conteúdo In: LIMA, J. Á.; PACHECO, J. A. *Fazer investigação:* contributos para a elaboração de dissertações e teses. Porto, Portugal: Porto Editora**,** 2006.

FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa.* 2ed. Porto Alegre: Bookman, 2004

FURTADO, D. S.; MORAIS, P. J. S. Bullying nas aulas de Educação Física e o papel do professor. *Revista Digital EFDeportes.com.* Buenos Aires, ano 15, n 147, pp. 1-14, 2010.

GÜNTHER, H. *Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa:* esta é a questão? Psicologia: teoria e pesquisa. Vol 22, n 2, pp 201-210, 2006.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria.* 81(5Supl): pp. 164-172, 2005

MINAYO, M. *O desafio do conhecimento:* pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2004.

OLIVEIRA, F. F.; VOTRE, S. J. Bullying nas aulas de educação física. *Revista Movimento.* Porto Alegre, v.12, n. 02, pp. 173-197, maio/agosto de 2006.

PEREIRA, S. M. S. *Bullying e suas implicações no ambiente escolar.* São Paulo: Paulus, 2009.

PINGOELLO, I. *Descrição comportamental e percepção dos professores sobre o aluno vítima do bullying em sala de aula.* Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- UNESP - campus de Marília - SP, Marília, 2009.

RODRIGUES**,** J. R. M. violência velada: um estudo sobre *bullying* na escola. In *Anais do IV seminário nacional sobre educação e inclusão social de pessoas com necessidades especais.* pp 1-11, Natal, 2010.

ROLIM, M. *Bullying:* o pesadelo da escola um estudo de caso e notas sobre o que fazer. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2008.

SANTOS, A. P. T. *A presença do bullying na mídia cinematográfica como contribuição para a educação.* Dissertação (Mestrado)- Universidade de Marília. Unimar, Marília, 2009

SILVA, A. B. B. *Bullying:* Mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

VIEIRA, F. B. A.; MARTINS, L. A. R. O aluno surdo em classe regular: concepções e práticas de professores. *Revista educação em questão,* v.34, n.20, pp. 170-193, Edufrn, 2009.

Endereço da autora

XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

Marily Oliveira Barbosa – marilyed@hotmail.com
Rua penedo, n 1359, Feitosa
Maceió-AL
CEP: 57045-770

Equipamentos para apresentação:

Notebook e Datashow